



UNICAMP

P24.49

EVENTO: American Ballet Theatre (1)

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 22 jul 96

PÁGINA: D1

SEÇÃO: CADERNO 2



American Ballet rima tradição e inovação



Unindo o carisma dos velhos tempos com a modernidade, a companhia norte-americana faz turnê pelo Brasil em setembro, com apresentações em São Paulo nos dias 5 e 6, no Teatro Municipal

HELENA KATZ
Especial para o Estado

Se você quer conhecer o pensamento americano sobre balé, não perca a oportunidade. Trazido pela Antares Promoções e pela bailarina Dala Achcar, com patrocínio da Sul América Seguros e da prefeitura do Rio, vem aí o American Ballet Theatre, para uma turnê, em setembro, que vai incluir São Paulo e Rio. Eles se apresentam nos dias 27, 28, 29 e 31 de agosto e 1º e 3 de setembro no Teatro Municipal do Rio, e nos dias 5 e 6 de setembro no Teatro Municipal de São Paulo. A ida da companhia para Brasília e Curitiba ainda não está confirmada.

Há mais de 50 anos é o American Ballet Theatre (ABT) quem identifica o que chama de "gosto americano" de dança.

O ABT já dançou aqui, sim, mas há tanto tempo que poucos lembram (anos 40 e 60). Vizinha do New York City Ballet, a companhia inventada pela genialidade de Balanchine divide com ela não apenas o espaço de dança do Lincoln Center como as predileções. Na atual temporada, depois dos últimos anos, quando andou meio caído, o ABT ressurgiu com o carisma dos velhos tempos. O sorriso permanente de Kevin McKenzie, diretor que devolveu o brilho ao ABT, não está lá à toa. Faz muito tempo que o ABT não eletriza tanto.

Claro, os resultados deste ano representam a soma de algumas circunstâncias. Primeiro, do trabalho de Baryshnikov, que construiu

uma companhia tecnicamente espetacular. Depois, do saneamento das dívidas. E, finalmente, da direção artística de McKenzie, que parece saber balancear como ninguém o compromisso com a tradição com a dose de inovação que sempre identificaram o ABT.

O programa que o American Ballet Theatre traz ao Brasil mostra isso. Veremos *La Bayadère*, um daqueles balezões de noite inteira, com 4 atos com tudo a que se tem direito, do virtuosismo dos solistas à eficiência do corpo de baile, com um plus do que se entendia por "efeitos especiais" no século 19.

Há, por exemplo, uma cena em que Solor dança com sua visão particular da amada Nikia, então já transformada em alma, por haver sido morta pela rival Gamzati, noiva oficial de Solor, com quem ele faz um pas de deux, de modo que Gamzati não perceba Nikia. A estrutura é a de dois pas de deux num só. Um luxo coreográfico.

O segundo programa reúne a mais recente criação de Twyla Tharp, *The Elements*, um dos mais maravilhosos balés de Antony Tudor, *The Leaves Are Falling*, e o sempre exemplar *Themes and Variations*, de Balanchine. Quem assistir a este, sairá com a certeza de que hoje, no mundo, há poucas companhias capazes de fazer tantas coisas diferentes tão bem. Porque a coleção de estrelas do ABT abastece, no limite da excelência, qualquer tipo de cardápio de balé. O que, por si, já significa uma grife.

MUDANÇA DE ROTA TROUXE NOVO BRILHO

O American Ballet Theatre: luxo coreográfico, constelação de estrelas da dança e ecletismo

Corella vira sinônimo de eletricidade no palco

O bailarino espanhol de 20 anos é uma das grandes revelações do ABT dos últimos anos

Há muito tempo não aparecia alguém assim. Para um especialista, seus defeitos estruturais de aprendizado jamais poderão ser consertados. Mas o público não vê nada disso. Quando Angel Corella salta ou gira, o mundo ganha mais velocidade. Com ele, a plateia do Met simplesmente grita. Em cena aberta, Angel Corella é pura eletricidade.

Ele nasceu em Colmenar Viejo, uma vila a 30 minutos de Madri, numa família de três irmãs, sendo uma delas adotada e negra. Tem 20 anos e quase parou de dançar. Ficou seis anos na companhia de Victor Ullate (que já esteve em São Paulo, trazido por Antônio Carlos Cardoso, no final dos anos 70), onde só ganhou papéis de substituto. "Lá, as estrelas são os coreógrafos, não os bailarinos", explica.

Começou a pensar em participar de um concurso internacional aos 16, 17 anos. Em 1994, foi notado por Makarova porque ganhou a Medalha de Ouro. Makarova recomendou-o ao ABT, que pediu uma fita. Ele não tinha. Preferiu ir até Nova York mostrar ao vivo o que tanto encantara a professora de Madri.

Foi imediatamente convidado e, a

partir daí, vive um conto de fadas. Ainda não entendeu direito a extensão do sucesso que faz, embora adore o calor do público do Met.

Angel Corella falou ao Estado no camarim emprestado por José Manuel Carreño, porque ainda não tem o status necessário para ter o próprio espaço. Mas chegará lá.

★

Estado — Você tinha pensado que uma carreira como esta seria apenas um sonho?

Angel Corella — Tudo o que ambicionava era estar em Nova York dançando numa grande companhia. Pertencer ao ABT não poderia ser mais perfeito.

Estado — Desde quando você sonha com isso?

Corella — Aos 8 anos decidi: vou ser bailarino. É maluco isso, não sei por quê. Nunca tinha visto balés. Minha mãe não queria que eu

nem minha irmã ficassemos na frente da televisão. Por isso, colocou-a no balé e a mim, no judô. Desisti na primeira aula, porque vi alguém quebrando o nariz do outro. Minha mãe levava minha irmã ao balé e eu ficava esperando. Um dia, enquanto minha mãe conversava com a professora da minha irmã, comecei a fazer umas diagonais na sala vazia. Quando a professora notou, disse para minha mãe: "Mas é ele quem deve vir para a aula, ele é extraordinário."

Estado — E como foi a aceitação



Angel Corella em ação: "Há uma parede a ser quebrada para atingir cada pessoa do público"



O bailarino: fama e talento

dessa escolha numa família espanhola de cidade pequena?

Corella — Muito difícil. Minha cidade é pequena e cheia de preconceitos. Na escola, me atacavam, me ridicularizavam. Ninguém queria brincar comigo. Diziam para eu ficar com as meninas porque "bailarino só brinca com menina". Foi bem duro.

Estado — No que você pensa quando dança?

Corella — Não penso. É puro feeling, fico decidido a sentir cada coisa

que faço. Há uma parede a ser quebrada para atingir cada um do público e levá-lo a se sentir como você. Se o seu personagem está triste, ele precisa ficar triste com você. E se seu personagem está feliz, você precisa fazê-lo ficar feliz.

Estado — Pela primeira vez, você está dançando balés de noite inteira. Você gosta do repertório do século 19?

Corella — Pensei que seria muito difícil criar e manter um personagem para um espetáculo que dura tanto tempo assim. Quando percebi que há toda uma ambientação que ajuda, fiquei instantaneamente confortável. Nunca me senti tão bem no palco como depois de conseguir criar meu primeiro *Don Quixote*.

Estado — Você dança sempre sorrindo. É mesmo bom assim?

Corella — É como quando você está apaixonado. Você simplesmente fica muito feliz e não sabe de mais nada.

Estado — Qual o seu sonho?

Corella — Quero uma casa bem grande, no campo, com lago e muitas árvores. Só isso e um amor.